

**“Cuidado ao acessar. Imagens fortes”:
a circulação do discurso sobre
violência urbana a partir de
lógicas jornalísticas e policiais**

**‘Watch out! shocking pictures’:
the circulation of the discourse about
urban violence from
journalistic and policial logics**

Igor Fernando Mallmann

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
São Leopoldo, RS, Brasil.

Aline Santos

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
São Leopoldo, RS, Brasil.

Ana Paula da Rosa

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
São Leopoldo, RS, Brasil.

Resumo

Sob a perspectiva da midiaticização e do aumento da produção e circulação de imagens com os novos dispositivos, este trabalho trata do perfil do *Facebook* "Boletim Geral", que veicula imagens chocantes de violência e morte explícitas. Por meio da análise das fotografias, texto e interações com o público da página, procura-se compreender qual construção simbólica sobre segurança pública estas imagens produzem, tendo em conta o discurso policial muito presente e a tensão provocada em relação ao jornalismo tradicional. O alicerce teórico vem de autores como Fausto Neto (2007, 2010) e Rosa (2014, 2016) sobre midiaticização, circulação e imagem; Flusser (2002) sobre imagens e imaginários.

Abstract

From the perspective of mediatization and the increase of the production and circulation of images with new devices, this paper deals with the *Facebook* page 'Boletim Geral', which displays shocking pictures of explicit violence and death. Through the analysis of photographs, text, and interactions with the public of the page, we try to understand which symbolic construction about public security these images produce, considering the highly present discourse of the police, and the tension provoked in relation to the traditional journalism. The theoretical foundation comes from authors like Fausto Neto (2007, 2010), and Ana Paula da Rosa (2014, 2016) on mediatization, circulation, and image; and Flusser (2002) on images and imaginary.

Palavras-chave

mediatização; imagem; jornalismo; Facebook.

Keywords

mediatization; image; journalism; Facebook.

1. Introdução

As imagens participam da construção do imaginário humano desde a pré-história, com as pinturas rupestres, por exemplo. Porém, as possibilidades tecnológicas alcançadas pela sociedade provocaram uma explosão na profusão de imagens. Agora estas são produzidas e divulgadas por bilhões de pessoas, na forma de fotos e vídeos, por meio de dispositivos técnicos (físicos e virtuais) sempre à mão.

Aqui analisamos a página do *Facebook* intitulada "Boletim Geral", que divulga acontecimentos do âmbito policial na mídia social através de imagens cruas e impactantes. Nela, as informações são apresentadas em texto de maneira sucinta, enfatizando primordialmente a imagem como gatilho principal do conteúdo apresentado. Destaca-se que esta página foi extinta no início de 2018, exatamente por exceder às exigências do filtro *Facebook*¹ quanto ao teor das imagens. No entanto, o movimento de aparecimento e desaparecimento de páginas com forte apelo sensacionalista e policial é característica deste tipo de publicação, que nasce já com um limite temporal previsto: o da subversão às regras do *Facebook*. Após o banimento novas páginas são criadas mantendo o mesmo perfil de publicações, transformando o processo de circulação destas imagens em cíclico e tentativo. Entendemos que esta especificidade do objeto de análise merece a atenção enquanto um fenômeno comunicacional típico de uma sociedade em midiatização.

O perfil em análise oferece a seu público o que os meios de comunicação tradicionais comumente não publicam e se destaca pelo número de acessos e curtidas. Imagens que chocam, que re-

tratam a violência, a morte explícita. A descrição da página anuncia: "Cuidado ao acessar. Imagens fortes. A realidade nua e crua dos fatos". Este anúncio já deixa claro o papel central das imagens no conteúdo postado. A imagem é entendida como "a realidade nua e crua" e, portanto, um documento- prova.

Para compreender esse quadro de aumento vertiginoso da circulação das imagens e da emergência de veículos como o *Boletim Geral*, situamos a página no cenário da midiatização, no qual se mobilizam processos comunicacionais, contextos sociais e dispositivos, sendo que

há uma nova modalidade de interação entre os campos sociais, particularmente, caracterizada pela tomada como por empréstimo, por parte de outros campos, de regras do trabalho jornalístico, e que são apropriadas, como condições de produção, para a geração dos novos processos de noticiabilidade. (FAUSTO NETO, 2007, p. 119-120).

O jornalismo passa a ser tensionado justamente por ser retirado do posto de único produtor ou legitimador de sentidos nos fatos midiatizados. Aí surgem diversos espaços para que atores sociais que não tenham a função midiática como ofício, manifestem seus sentidos e discursos.

Um dos atores, de papel central para o caso aqui analisado - a página *Boletim Geral* - é a polícia, que é onipresente nas postagens. Este e outros atores adquirem a potencialidade de se comunicar com o público sem depender dos meios tradicionais, seus critérios e interesses.

Se a emergência de um veículo como o *Boletim Geral*, no *Facebook*, torna-se possível em função das lógicas e dispositivos próprios da midiatização, quais interesses e imaginários os atores sociais colocam em movimento? Que tipo de atração estas imagens violentas geram e quais construções simbólicas sua circulação concretiza ou fortalece?

1 O filtro do *Facebook* para imagens de teor de violência foi implantado no final de 2015 após casos de exibição de imagens de cabeças espetadas na Síria e de vítimas de atentados como o *Charlie Hebdo*. Destaca-se que é exigência do *Facebook* que os vídeos e fotografias com teor de violência alertem sobre o conteúdo a ser exposto.

Pretende-se analisar - do ponto de vista das imagens, dos textos escritos e das interações nos comentários das postagens - quais são as impressões geradas pelas fotografias, compreender como o público da página se relaciona com elas e como se dão as interações entre os consumidores das fotos. Antes, porém, procederemos à exposição do alicerce teórico no qual embasamos nossa análise.

2. Miatização e construção de sentido a partir das imagens

A comunicação social, já há algum tempo, não pode mais ser compreendida como uma relação unilateral de produção de conteúdo entre emissor e receptor. Por meio da evolução e multiplicação de dispositivos técnicos acessíveis ao grande público, chegamos a uma recepção que também produz. Por isso, falamos em uma sociedade miatizada ou em vias de miatização, que sucede a sociedade dos meios. Isso não quer dizer que as lógicas dos veículos tradicionais tenham sido suplantadas, que as grandes corporações midiáticas não sejam mais hegemônicas. Na verdade, às vezes, o poder de atribuição de sentido e valor dessas instituições tradicionais é mesmo reforçado nos processos de miatização. O que ocorre é que entram em jogo novos atores, novas configurações nas correlações de forças, novas possibilidades de comunicação tanto para as instituições midiáticas como para as não midiáticas. Como explica Fausto Neto:

os acontecimentos são tessituras complexas, e na sociedade marcada por elevados processos de miatização, se engendram muito além das próprias fronteiras do jornalismo. Seus fluxos de produção, circulação e de recepção estão subordinados e dispostos à uma complexa rede de dispositivos e uma teia de relações entre campos, afetados por lógicas, regras e operações do próprio trabalho da miatização. (NETO, 2007, p. 119).

As condições técnicas geradas pela disseminação do uso dos dispositivos midiáticos conferiram mais autonomia às instituições não midiáticas, em relação ao campo jornalístico, nos processos de comunicação com o público. Se, na sociedade dos meios, os diferentes campos, como político, acadêmico, etc., precisavam quase que obrigatoriamente, ainda que com desconfiança, recorrer à mediação jornalística para sua divulgação, hoje esses atores podem utilizar as redes sociais, sites, vlogs, entre outros, com uma eficácia bastante satisfatória.

Conforme Adriano Duarte Rodrigues (1999), o campo dos *media*, como o denomina, teve sua emergência consumada em meados da década de 80. Para o autor, os dispositivos midiáticos são complementos de nossos órgãos sensoriais e reconstruem o sentido da experiência do mundo. A principal função do campo dos *media* é a discursiva, sendo que este campo se consolida como porta-voz e legitimador das funções específicas dos demais campos e é legitimado por estes, já que lhes é imprescindível.

É por isso que, à medida que o campo dos *media* se autonomiza, cada um dos outros campos tende a profissionalizar um corpo próprio encarregado de assegurar esta função de mediação, encarregado sobretudo de redigir *releases* ou comunicados destinados ao público. (RODRIGUES, 1999, p. 27).

No caso do Boletim Geral, temos o papel central desempenhado por uma instituição não midiática, que é a polícia, a qual envia as imagens para o administrador da página. Não é de surpreender, portanto, a linguagem visual e textual muito próxima do campo policial nas postagens. Essas são questões que tensionam o conceito tradicional de jornalismo. Agora não temos mais apenas algumas instituições que fornecem notícias. Qualquer um pode fazê-lo. Torna-se difícil classificar as informações e é pertinente questionar, por exemplo, se as

imagens postadas pelo Boletim Geral atendem à finalidade de proporcionar compreensão sobre os fatos. No que se refere à atuação dos campos sociais em sua promoção, Ana Rosa comenta que:

ao tomar como ponto inicial das operações midiáticas o fato de que as instituições não-midiáticas, ou aquelas que não possuem fins jornalísticos, se valem de estratégias também midiáticas para alcançar o campo das mídias, percebe-se que, cada vez mais, os fatos vêm sendo colocados em uma situação de secundários em relação aos sentidos gerados pelas coberturas jornalísticas. (ROSA, 2014, p. 2).

Se aqui tratamos dessa tensão entre campos provocada pela midiatização de imagens, partimos da ideia de que as imagens técnicas são construções sociais, e não janelas para a realidade. As imagens técnicas são tecno-imagens, portanto, projeções de sentido sobre superfícies, o que implica cada vez mais tensão com a referência. Como alerta Vilém Flusser,

a aparente objetividade das imagens técnicas é ilusória, pois na realidade são tão simbólicas quanto o são todas as imagens. Devem ser decifradas por quem deseja captar-lhes o significado. Com efeito, são elas símbolos extremamente abstratos: codificam textos em imagens, são metacódigos de textos. A imaginação, à qual devem sua origem, é capacidade de codificar textos em imagens. (FLUSSER, 2002, p. 14).

Se as imagens são, nesse sentido, metacódigos de textos, contribuem decisivamente na estruturação de imaginários individuais e coletivos. Não retratam uma cena isolada apenas, mas um quadro de crenças. Por um lado, uma imagem pode redundar em diversos significados, em função de diferentes indivíduos que a interpretam, já que "a imagem revela mais de quem a contempla do que

de quem a produziu" (Rosa, 2016, p.79). Por outro, várias imagens diferentes podem reforçar uma única imagem no sentido simbólico, uma construção do imaginário. A questão central é que as imagens técnicas fazem emergir uma nova estrutura social, esta ancorada naquilo que Flusser chamava de uma "sociedade informática" (Flusser, 2008). Deste modo, as fotografias e vídeos produzidos pela polícia e disponibilizadas para circulação em espaços "tentativos de notícia" jogam com a ideia de circuito fechado. O autor tcheco já destaca que "queremos e fazemos o que as imagens técnicas querem e fazem", isto é, há um comportamento social programado.

No caso do Boletim Geral, como veremos na análise do empírico, temos diversas imagens e textos verbais que seguem determinadas lógicas parecidas e constituem temas como assaltos frustrados pela polícia, morte de criminosos em confronto, homicídios em geral, etc. As postagens provocam interesse e são consumidas de forma constante, gerando sempre comentários semelhantes aos posts anteriores. Isto é cada nova imagem vai corroborando um determinado quadro sobre as questões de violência e insegurança, programando modos de ver. Uma aproximação poderia ser feita com o conceito de fagia social, um dos cinco níveis de circulação e apropriação de imagens propostos por Ana Rosa (2016). A fagia social é o processo em que atores sociais "devoram" imagens inscritas na circulação por instituições jornalísticas e as crescem de discursos e sentidos diferentes, mas preservando a imagem em si. Aqui temos o público da página inserindo discursos verbais às imagens por meio dos comentários e compartilhamentos, como quando alguém diz "bandido bom é bandido morto", por exemplo. Diferenciando que, neste caso, temos uma página de *Facebook* inscrevendo as imagens e não uma mídia tradicional. Ou seja, diferentemente do abordado por Rosa (2016), as imagens, aqui, não são produzidas por instituições

jornalísticas que migram para espaços de atores sociais, elas já nascem nesse espaço, fruto de construções imagéticas que não entrariam na pauta de instituições tradicionais. Ao mesmo tempo, o conceito de fagia se evidencia pela lógica da replicação instaurada, assim como pela manutenção em circulação de uma imagem consolidada sobre o fato, mesmo que formada por muitas fotografias e vídeos.

Sendo assim, as pessoas se apropriam do conteúdo, replicando informações variadas frente a um processo cuja origem desencadeia diferentes nuances de compartilhamento. Nesta dinâmica de sujeitos em atuação coletiva, Fausto Neto afirma que:

são modelos equidistantes à teoria da ação que vão situar a problemática da recepção em outro patamar. São, justamente, os limites pouco revelados nestas fronteiras que causam a ampliação dos olhares e a constatação de que a questão dos efeitos está associada mais a uma problemática de complexidades do que das linearidades. (NETO, 2010, p. 60).

A circulação, neste caso, também ultrapassa o compartilhamento de informações e passa a abranger interações. Por exemplo, na postagem do triplo homicídio que apresenta o seguinte fato: "Data: 03/10/16, hora: madrugada, fato: Dois (2) homens e uma (1) mulher foram mortos em Imbiruçu -Santo Antônio da Patrulha-RS. Uma quarta vítima, gravemente ferida, foi conduzida ao Hospital. Os autores ainda atearam fogo e deixaram a válvula do gás aberta. Identificação das vítimas: João Batista Santos da Silva, Renan Corrêa da Silva, Ana Cristina Motta dos Santos mortos no local. Cleiton Corrêa da Silva conduzido ao hospital". Nesta postagem, os comentários circulam, visto que além dos comentários emitindo opiniões "que horror", "alguém conhece?", surgem também as marcações com os nomes dos internautas que terão acesso à notícia ao visualizarem a notificação no *Facebook*.

3. Análise do empírico

A página Boletim Geral, interligada ao programa de web rádio de mesmo nome, é vinculada à editora de jornais "Líder do Vale", oriundo de Sapucaia do Sul, que mantém um conjunto de veículos comunicacionais como jornal, rádio web, TV online e jornal digital, além de um informativo da Brigada Militar, quase todos com um caráter bastante amador. Neste sentido, a *fanpage* acaba complementando visualmente as informações compartilhadas pelos demais veículos, captando audiência e maior interação em rede.

Nota-se na dinâmica de atuação da página uma tentativa de intervenção jornalística na construção de uma narrativa noticiosa, porém despida de critérios elaborados para a prática. Ou seja, há uma tentativa de agir conforme os padrões e regras da prática jornalística, revestindo a informação de um tom de legitimidade típico do jornalismo profissional, mas resguardando o tom e o formato informativo do boletim policial. Contudo, a tentativa de construir uma narrativa noticiosa, esbarra na ausência dos critérios de notícia do jornalismo, já que aquilo que orienta o fazer da página é exatamente o que seria excluído no jornalismo tradicional. Tome-se como exemplo as imagens de corpos e vítimas, estas certamente não teriam espaço em outras publicações, mesmo quando os fatos a que remetem tenham interesse coletivo. Segundo o radialista Neiron Marx, idealizador da página, as imagens, bem como as notícias, são encaminhadas a eles pelos próprios agentes de segurança pública e afirma que o critério chocante é o que mais chama a atenção dos internautas. Nota-se em sua fala, a ideia de "adaptação" do texto policial para o texto jornalístico, no entanto o que vemos na página é uma adaptação que "reveste" o discurso policial de uma aparência de notícia, borrando as bordas entre os campos.

Para analisar o material empírico (postagens e interações na página) definimos um período de duas semanas, do dia 23 setembro a 7 de outubro de 2016. Nesse espaço de tempo, ocorreram sete

postagens por parte da administração do perfil (em média, uma a cada dois dias). Ou seja, as postagens não são diárias. Às vezes tem-se alguns dias de intervalo entre uma e outra. E há dias que contam com mais de uma postagem. Este recorte temporal levou em conta dois critérios centrais: a) a quantidade de postagens e de comentários e b) a inexistência de fatos macro, isto é, não se buscou observar a página a partir de acontecimentos pré-estabelecidos como um crime de grande repercussão, mas para observar o seu fazer cotidiano no que diz respeito à pauta de segurança pública no Estado do Rio grande do Sul, que vem sendo, inclusive no âmbito político, uma das principais temáticas sociais tendo em vista o aumento significativo da violência urbana, mesmo em cidades de pequeno porte.

3.1 “Imagens fortes”

Ao acessar a página Boletim Geral, fica-se frente a frente com fotografias de morte e violência que saltam aos olhos. Antes de ler a descrição da página ou o texto das postagens, as imagens prendem a atenção, são o elemento principal do perfil. São fotos geralmente sem grande qualidade de resolução e com enquadramentos estranhos ao que vemos normalmente em jornais e portais de notícias. São fotos que poderiam ter sido tiradas por qualquer pessoa com um celular. Os enquadramentos, aliás, por vezes não oferecem uma boa noção do que retratam, cortando elementos, com planos fechados ou abertos demais, gerando alguma confusão visual.

A primeira postagem² que observamos traz a ocorrência de um corpo encontrado em uma vala. A imagem (figura 1) mostra o corpo parcialmente coberto pela água e sujo de lodo.

Já a postagem³ de 3 de outubro trata de um triplo homicídio. Uma das fotos (figura 2) enquadra uma parte das pernas e o tronco de uma vítima cuja camiseta está manchada de sangue. Uma

segunda foto tem um plano mais geral do cômodo em que estão os corpos, sendo que há riscos negros adicionados sobre os rostos para preservar suas identidades.

Figura 1 - Corpo encontrado em vala.



Fonte: Reprodução/Facebook.

Figura 2 - Ocorrência de triplo homicídio.



Fonte: Reprodução/Facebook

2 https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=

3 <https://www.facebook.com/permalink>

Nos dias 23 e 28 de setembro são apresentadas duas postagens contendo o tipo de ocorrência bastante popular e frequente na página: o assalto frustrado pela polícia. No post do dia 23⁴, percebe-se o registro de um homicídio que resultou em duas pessoas presas pela polícia após anunciarem um assalto. Tudo foi registrado a partir da ação de um policial que estava entre os que sofreram o assalto, o que já indica uma ampla noção de midiaticização. Isto é a imagem produzida iria circular. Na primeira foto (figura 3), aparece um braço estendido na rua, com sangue que escorre a seu lado. Ao redor, vemos as pernas de policiais militares fardados e suas botinas. Outras imagens semelhantes, onde a presença da polícia é evidente, são bastante utilizadas pela página. Isto é, a figura da polícia é frequente nas imagens “jornalísticas” deste espaço, o que sugere uma coprodução desta instituição.

Figura 3 - Assalto frustrado pela polícia.



Fonte: Reprodução/Facebook.

O público não só consome estas imagens, como também as compartilha e marca amigos para as verem, apesar de seu caráter agressivo aos olhos. Há interesse em ver e mostrar para os conhecidos também. A crueza das imagens confere um aspecto de veracidade, fatos “sem edição”. O aspecto não convencional da qualidade das imagens também parece atrair por passar a impressão de ocorrência imediata, uma fotografia que foi tirada em primeira mão, diretamente de onde aconteceu e antes das câmeras de jornalistas.

⁴ https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1129604147125561&id=928237500595561

3.2 Texto

A composição textual reveste as imagens construindo uma história que, independente do fato em si, atrai o leitor para que este “deguste” o acontecimento dentro de uma costura narrativa que se desenvolve tal qual uma trama cinematográfica. O texto trabalhado pelo idealizador da página aviva, na mente do internauta, um desejo de descobrir o desfecho do caso, entretanto, esse desfecho pode ser vasculhado e redefinido pela lógica de quem se apropria do conteúdo e replica outras variações para os acontecimentos narrados.

Os títulos das postagens iniciam sempre em caixa alta e utilizam substantivos, verbos no pretérito e gerúndio como na postagem do dia 8 de setembro com o título “Fabricando Balinhas” e na data de 4 de setembro “Homicídio – São Leopoldo”. O corpo da notícia se constitui em forma de relato sucinto, salientando elementos da foto e não ofuscando a mesma. Fica claro que o público se interessa, prioritariamente, pelas imagens, tanto que as postagens que possuem textos maiores, recebem menos comentários. Outra curiosidade envolve o tipo de linguagem utilizada: argumentos que contêm gírias chamam a atenção e fomentam comentários dos internautas, mediante a identificação com uma linguagem informal. Um exemplo disso é a postagem de 23 de setembro com o título “Assaltaram e se ferraram”. O texto é muito semelhante a um boletim policial – informa o local e o fato, numa descrição breve. Isto é feito geralmente em tom de quem “conta” uma história, com verbos no passado, o que é menos comum em texto jornalístico, mas bastante usado na narrativa de rádio quando são feitos os boletins policiais.

É notório que a disposição do texto em cada post varia com relação à quantidade de linhas, de maneira que o formato padrão abrange no mínimo cinco e no máximo dez linhas, para que o texto não obstrua a percepção principal, no caso, a imagem. Todos os títulos são escritos em caixa alta, sus-

tentando a atenção do leitor para uma tentativa de enfatizar, simbolicamente, a violência, isto se dá desde a grafia até a imagem em diferentes tons.

3.3 Interações

Uma das primeiras constatações a destacar sobre as interações entre a página e o seu público é que os comentários nas postagens, com raras exceções, não têm cunho problematizador. Quer dizer, são incomuns os debates, discussões ou conflitos de ideias entre o público. Outro ponto é que o administrador do perfil da página não interage nos comentários das fotos; apenas faz intervenções muito pontuais para adicionar alguma informação que alguém solicita, como a identificação de uma vítima, por exemplo.

Assim, os comentários seguem um padrão de conformidade com as ocorrências que acabam "bem" e consternação com os fatos tristes. Cada um dá o seu apoio à polícia ou seu voto de indignação para com a insegurança, comungando com os demais que compartilham o espaço. Interessante notar que são reproduzidos certos discursos de maneira exaustiva: cada um replica bordões do senso comum ou encaixa suas noções de justiça e segurança sobre cada fotografia, como "bandido bom é bandido morto".

Como exemplo, podemos citar uma postagem que traz fotos de um assalto frustrado, em que temos quatro comentários que trazem as palavras "menos um". Outros comentários comemoram e parabenizam a ação policial. Essa postagem também teve 32 compartilhamentos. De modo geral, as interações, aqui, manifestam o sentimento de que há justiça foi feita. E percebe-se a narrativa de heroísmo do policial que reagiu ao assalto com sucesso.

Já na ocorrência de um assalto a um posto de gasolina que teve dois presos e dinheiro apreendido, há um elemento novo, que é a descrença em relação às instituições da justiça. Os policiais

fizeram sua parte e são festejados, mas se teme que, como não foram mortos, os assaltantes logo estejam soltos. Um comentário diz: "A polícia fez a sua parte agora espero que a justiça os mantenha presos!" Outro é mais cético: "Um excelente trabalho da brigada militar... Pior e q amanhã esses vava...GaGa...bunbun..dodos...já estão nas ruas cometendo mais crimes isso e um tapa na cara da sociedade...uma boa tarde a todos!!!!". Alguns também lamentam e incluem a sentença "pena que não morreu".

Figura 4 - Comentários sobre morte de homem pela polícia.



Fonte: Reprodução/Facebook.

Nas fotos que trazem vítimas fatais, que não sejam os "bandidos", há indignação com a insegurança e medo por ela provocado. Muitos evocam Deus e questionam "Para onde estamos indo?". Uma peculiaridade é que no caso do corpo encontrado em um valo em Esteio/RS (figura 1), há muitas pessoas questionando pela identidade do corpo encontrado, alguns inclusive aventando a possibilidade de ser o corpo de um rapaz desaparecido em Sapucaia/RS. As dúvidas seguem até que o próprio sobrinho do homem encontrado intervém nos comentários e dá o nome do tio, evidenciando o vínculo social constituído pela página. As pessoas afirmam não ter visto muitos detalhes do fato nas mídias convencionais. Portanto, aqui temos um caso em que o público se utiliza

da página do *Facebook* em contato direto com atores próximos do fato noticiado, sem nenhuma mediação jornalística. Esse gênero de postagem também tem bastante poder de atração: apesar de chocante e desagradável ao olhar. Há um interesse em ver o que aconteceu, há interesse na vítima, mesmo que seja um desconhecido. Este caso do corpo achado no valo, por exemplo, passou dos 100 comentários, teve 264 curtidas e 31 compartilhamentos.

Pode-se afirmar que o público que acessa o perfil tem opiniões gerais semelhantes sobre os temas. A interpretação dos fatos postados começa pelo impacto visual das imagens, passa pelo texto que as explica e culmina nos comentários que vão reconstruindo o significado das fotografias a partir de certos imaginários de que o combate ao crime deve ser com violência e força. Nos termos de Adriano Rodrigues (1999), a experiência do ser humano é por ele interpretada por "quadros de sentido construídos pela mediação", os quais, para serem efetivos, ele não pode perceber. O quadro é uma "fronteira" para a experiência, abarcando algumas coisas, deixando outras de fora. Aqui temos, especificamente, os comentários, após imagens e texto verbal do perfil que constroem um quadro para dar sentido ao que é retratado nas imagens e também sobre o que vai além de seu enquadramento: as noções de segurança e justiça.

3.4 Análise transversal

Se, em um primeiro momento, o que parece definir a página são as imagens chocantes, a análise dos três tópicos acima (imagens, texto e interações) aponta para uma complexa construção de sentidos na qual a polícia (em uma acepção ampla) é a chave para compreendermos as razões de ser do Boletim Geral. Embora não seja midiática por ofício, a instituição (polícia), envia as fotos, em primeiro lugar. Depois, sua linguagem está presente no texto verbal, com gírias e até piadas – para falar

de um assalto frustrado, por exemplo. O mesmo ocorre nas interações de comentários e compartilhamentos. Nessa parte não aparecem discursos próprios da polícia como instituição, mas de outros atores que se apropriam de certas lógicas e noções sobre segurança pública.

A crueza das fotografias, aliada à limitada quantidade de texto nas postagens, confere um caráter de imediatismo e realidade sem intervenção à página. O que é postado se apresenta como algo factual e concreto para o público, de uma forma bem mais intensa do que o jornalismo tradicional.

A construção do imaginário social, a partir das fotos, se constitui em uma via de mão dupla. Por um lado, a crueza do conteúdo permite que as interações construam significações não contidas (ao menos de forma explícita) nas publicações. Um exemplo é o desejo e a comemoração do que poderíamos chamar de justiça sumária – quando há morte de criminosos nas ocorrências. O outro lado da moeda é que as postagens já deixam um caminho de interpretação trilhado. Isso se manifesta nas fotografias, feitas do ponto de vista do agente de segurança pública, no respectivo texto escrito com jargão policial e no público em geral, cujas interações, de certa forma, desencorajam a expressão de opiniões divergentes nos comentários.

4. Considerações finais

Recapitulando as perguntas iniciais deste artigo, pode-se afirmar, prontamente, que a construção social que prevalece nas relações do perfil Boletim Geral com seu público é a de uma sensação de insegurança e falta da promoção da justiça por parte das instituições do Estado. Porém – e este aspecto é ainda mais marcante –, esse sentimento negativo é contrabalançado pela glorificação da polícia, personificada nos agentes que atendem as ocorrências no dia a dia, o que gera esperança. Isso é expresso em uma perspec-

tiva bastante maniqueísta, pela recorrência do bordão "bandido bom é bandido morto".

Retomando o conceito de fagia, de Ana Rosa (2016), temos a atração gerada pelas imagens de violência veiculadas pela página, que alimentam um imaginário já existente e o expandem. Essa "magia" desempenhada pelas imagens-choque não é diferente de outras tantas manifestações do desejo humano para este tipo de estética ao longo das eras, seja no cinema, na literatura, no folclore, música e no próprio jornalismo. Fica aberta, ainda assim, a reflexão acerca do impacto disso nesse caso específico, no qual há uma carência de aprofundamento jornalístico para uma compreensão mais multifacetada dos fatos - carência manifestada, por exemplo, com os textos muito rasos que acompanham as fotos e uma quase fusão com o relato do boletim policial.

O fenômeno comunicacional analisado na página Boletim Geral traz à tona interligações relevantes com os processos de circulação e mediação. É um estudo constante, visto que as lógicas de interação se reinventam, podendo adquirir diferentes significados. Os sujeitos sociais trocam constantemente de papel (emissor-receptor) e reformulam seus diálogos conforme a necessidade. A observação dos fatos, mediante a presença constante da imagem, traz à tona opiniões, expectativas e críticas conforme a cultura, regionalidade e diferentes interações sociais tanto dos internautas com a postagem, quanto com entre si nos grupos de discussão que se formam acerca de um fato exposto pela página. O produto desta equação nada mais é do que a repercussão (das imagens, do texto e dos próprios comentários).

O discurso da polícia, instituição não-midiática, não se deixa apenas perceber na forma de acesso às imagens ou no tratamento dado aos textos, mas efetivamente na presença testemunhal diante do fato. As marcas dessa presença se evidenciam nas próprias imagens. Assim, estabelece-se a presença desse ator social na mídia, havendo a construção

de uma imagem bastante positiva. A polícia, ganha, inclusive, status de protagonista nas ocorrências, deixando de ser mera fonte dos acontecimentos. Encontra, ainda, um público bastante receptivo ao seu discurso, sem necessitar de uma mediação direta de sua assessoria de imprensa ou de um veículo jornalístico tradicional.

Revela-se aí uma face importante ligada à mediação, a própria polícia se apropria de conhecimentos midiáticos para ter acesso a esse espaço, encontrando na página um local propício para que seu discurso, geralmente remodelado pelo jornalismo, possa se evidenciar com menor filtragem. Além disso, as fotos-choque, que colidem com o fazer jornalístico tradicional que prima por evitar o constrangimento do público, são a essência do Boletim Geral. O choque é sua razão, seu objetivo. É como se a página traduzisse a crueza da realidade, esta não bem representada pelos meios tradicionais. Os atores sociais que acessam a página e encontram nela uma identificação, sentem-se participantes, interferem nas produções a partir do momento em que podem trazer mais dados sobre um crime, complementar as informações já postadas e até mesmo enviar imagens por eles produzidas. Essa capacidade de acolhida do dispositivo, isto é, a página do Facebook, o transforma em um espaço de valorização social e coletiva dessas imagens, legitimando-as, papel esse classicamente atribuído ao jornalismo. Estaríamos, então, ante um movimento novo, no qual as fagias imagéticas definem a circulação da violência urbana com base em lógicas, oriundas das instituições midiáticas, mas que são integradas pela prática policial e pelos atores sociais, o que gera certa hibridização de campos. Cabe destacar que em 2018 a página foi retirada de circulação pelo próprio Facebook, no entanto, páginas semelhantes e alternativas passam a atrair esta produção amadora, até que sejam novamente barradas pelo seu teor. Importa perceber que o fato da impermanência da página no ar, não significa a impermanência de sua lógica ou conteúdo, ao con-

trário, verifica-se a presença em diferentes cidades de páginas de exploração da temática da violência pelo ângulo da polícia ou de um imediatismo de relato que se aproxima do jornalismo, mas que passa longe do seu fazer efetivo. O próprio Boletim geral já teve outros nomes e versões anteriores. Há uma necessidade de lidar com a temporalidade da página em função de uma "censura" de conteúdo realizada pelo dispositivo que a ancora. É exatamente este dispositivo, o Facebook, o espaço dos atores que ascendem aos meios.

Referências

- BOLETIM GERAL. **[Corpo no valão]**. Sapucaia do Sul, 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1130353783717264&id=928237500595561&qsefr=1>. Acesso em: 05/04/17
- **[Triplo homicídio]**. Sapucaia do Sul, 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1137181303034512&id=928237500595561>. Acesso em: 05/04/17
- **[Assalto frustrado pela polícia]**. Sapucaia do Sul, 23 set. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1129604147125561&id=928237500595561>. Acesso em: 20/04/17
- **[Assalto a posto de combustíveis]**. Sapucaia do Sul, 28 set. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1133376966748279&id=928237500595561>. Acesso em: 20/04/2017
- **[Latrocínio]**. Sapucaia do Sul, 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1129261567159819&id=928237500595561>. Acesso em: 20/04/2017
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.
- NETO, Antônio Fausto. A midiatização jornalística do dinheiro apreendido: Das fotos furtadas à fita leitora. In: **Dossier de Estudios Semióticos, La Trama de la Comunicación**, Volume 12, UNR Editora, Rosario, 2007.
- As bordas da circulação. In: **Revista Alceu**. PPGCOM/PUC- RJ, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, p. 55-69, jan./jun., 2010.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. Experiência, modernidade e campo dos media. Universidade Nova de Lisboa, 1999. **Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação**. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-expcampmedia.pdf> Acesso em 15 out. 2016.
- ROSA, Ana Paula da. Imagens-totens e circulação: a chancela jornalística do caso Michael Jackson. In: **Revista E-Compos**. Vol, 17. Nº 2, 2014.
- De reflexos a fagias: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens. In: **Nuevas mediatizaciones, nuevos públicos: cambios en las prácticas sociales a partir de las transformaciones del arte y de los medios en red**. Argentina: Universidad Nacional de Rosario, 2016.

Igor Fernando Mallmann - Estudante de Jornalismo na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bolsista de Iniciação Científica UNIBIC sob a orientação da prof. Dra. Ana Paula da Rosa. Integra o Grupo de pesquisa Epistecom e investiga temas referentes à midiatização, imagem e jornalismo. **E-mail:** igor.mallmann96@gmail.com

Aline Santos - Estudante de Jornalismo na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bolsista de Iniciação Científica FAPERGS sob a orientação da prof. Dra. Ana Paula da Rosa. Integra o Grupo de pesquisa Epistecom e investiga temas referentes à midiatização, imagem, circulação e jornalismo. **E-mail:** aline.s.santos82@gmail.com

Ana Paula da Rosa - Jornalista, doutora em Ciências da Comunicação (UNISINOS), Mestre em Comunicação e Linguagens (UTP). Atualmente é professora nos cursos de Comunicação e no PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos, na linha de pesquisa Midiatização e Processos Sociais. Orientadora deste trabalho de IC. **E-mail:** anaros@unisinos.br

Recebido: 23 set. 2018

Aprovado: 24 out. 2018